

# Grigory Sokolov

## piano

22 Abril 2021 · 19:30 Sala Suggia

CICLO PIANO FUNDAÇÃO EDP



casa da música

MECENAS CICLO PIANO  
FUNDAÇÃO EDP

fundação



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## Fryderyk Chopin

Quatro Polonaises (1835-43; c.40min)

- Polonaise em Dó sustenido menor, op. 26 n.º 1
- Polonaise em Mi bemol menor, op. 26 n.º 2
- Polonaise em Fá sustenido menor, op. 44
- Polonaise em Lá bemol maior, op. 53

PAUSA TÉCNICA

## Sergei Rachmaninoff

10 Prelúdios, op. 23 (1901-03; c.35min)

1. *Largo* (Fá sustenido menor)
2. *Maestoso* (Si bemol maior)
3. *Tempo di minuetto* (Ré menor)
4. *Andante cantabile* (Ré maior)
5. *Alla marcia* (Sol menor)
6. *Andante* (Mi bemol maior)
7. *Allegro* (Dó menor)
8. *Allegro vivace* (Lá bemol maior)
9. *Presto* (Mi bemol menor)
10. *Largo* (Sol bemol maior)

O concerto de hoje é preenchido com obras de dois dos grandes *virtuosos* do piano, Fryderyk Chopin e Sergei Rachmaninoff. Apesar das seis décadas que os separam, ambos souberam, na sua faceta de compositores, explorar de forma magistral as capacidades sonoras, técnicas e expressivas do piano, o instrumento romântico por excelência.

## Fryderyk Chopin

ZELAZOWA WOLA, 22 DE FEVEREIRO DE 1810

PARIS, 17 DE OUTUBRO DE 1849

### Quatro Polonaises

A polonaise é uma dança majestosa e solene em compasso ternário, que surgiu em finais do séc. XVI, em Cracóvia, por ocasião das cerimónias de coroação do recém-entronizado rei Henrique III de Anjou. Foi o compositor polaco Michał Kleofas Ogiński (1765-1833) quem, no dealbar do séc. XIX, conferiu à polonaise um estatuto mais formal, levando-a dos salões de dança para as salas de concerto. Foi secundado pelos seus compatriotas e contemporâneos Józef Elsner (1769-1854), Maria Szymanowska (1789-1831) e Karol Kurpiński (1785-1857). Fryderyk Chopin cresceu a ouvir e a tocar as polonaises destes compositores, de modo que esta forma musical o vai acompanhar ao longo da sua vida criativa. A sua primeira polonaise, em Si bemol maior (WN1), data de 1817, tinha Chopin sete anos de idade; a última, a *Polonaise-Fantaisie* em Lá bemol maior op. 61, foi composta em 1846, três anos antes do seu falecimento. Mas, à semelhança do que aconteceu com outras formas musicais (como o nocturno e a mazurka), é com Chopin que a polonaise irá atingir o seu expoente máximo.

Um dos aspectos capitais da música do compositor polaco é o sentimento nacional que caracteriza grande parte das suas composições. Essa vertente nacionalista está particularmente bem expressa nas polonaises. A partir do momento em que a Polónia perde a soberania com a ocupação russa, em 1831, as polonaises de Chopin convertem-se em símbolos de patriotismo e de revolta. As quatro polonaises que preenchem a primeira parte deste recital são disso exemplos claros, já que foram escritas entre 1835 e 1843, estando já Chopin radicado em Paris.

Dedicadas ao pianista Joseph Dessauer, um bom amigo de Chopin, que ficou conhecido como um excelente compositor de canções, as duas Polonaises op. 26, compostas em 1835 e publicadas no ano seguinte pela editora Schlesinger, constituem um novo capítulo na história deste género musical — pela maturidade musical, pela expressividade e pelo dramatismo que exibem. Em ambas está presente um sentimento de angústia e de revolta, uma espécie de inquietação que nunca desaparece. Por exemplo, a sequência descendente, em *fortissimo*, que abre a Polonaise op. 26 n.º 1 é um grito de fúria; e as semicolcheias em uníssono na região grave do piano, entrecortadas por sucessões de acordes repetidos que vão aumentando sucessivamente de velocidade (*accelerando*), espelham um estado de grande tensão que se vai acumulando até explodir violentamente. As secções intermédias — *trios* (*meno mosso*) — das duas polonaises trazem alguma acalmia que não se pode, nem deve, confundir com tranquilidade.

A Polonaise em Fá sustenido menor, op. 44, foi composta no Verão de 1841 e publicada no mesmo ano em Paris e Viena. Em finais de

Agosto, Chopin escreve ao seu editor vienense dizendo-lhe que tem à sua disposição “uma espécie de fantasia em forma de polonaise. Mas eu chamo-lhe Polonaise.” A liberdade formal traduz-se, desde logo, na inclusão de uma melancólica mazurka na secção intermédia, tradicionalmente reservada ao trio. Mas traduz-se, sobretudo, na variedade temática e nos recursos pianísticos e expressivos que o compositor polaco utiliza para exprimir grandeza, orgulho e heroísmo, bem como tenacidade e determinação. O pianista Alfred Cortot, intérprete consagrado da obra de Chopin, escreve que os oito compassos introdutórios da Polonaise op. 44 devem ser interpretados com um “sentimento de revolta progressiva”. De facto, a obra começa com um motivo em tercinas, em *pianissimo*, no registo grave do piano. Esse motivo transforma-se em semicolcheias que se desdobram em oitavas que vão percorrer o teclado em *crescendo* até ao registo agudo. Só depois é que o compositor apresenta o tema principal da polonaise, um tema heróico. Segue-se um surpreendente episódio, que Cortot descreve como um desfile de guerreiros, onde um padrão rítmico repetido de forma incessante faz evocar salvas de canhões.

Escrita entre 1842 e 1843 e dedicada a Auguste Léon, um banqueiro alemão, amigo de Chopin, que muito o ajudou nos contactos com editoras alemãs e inglesas, a Polonaise em Lá bemol maior, op. 53, apelidada de “Polonaise Heróica”, é o pináculo da criação musical do compositor polaco neste género musical. Nesta obra, está bem vincado o sentimento patriótico e o ardor nacionalista que tanto o inquietou. Volto a citar Alfred Cortot, que considera esta Polonaise “um hino de esperança, um canto simbólico de um povo que se recusa a morrer”. Os compassos iniciais retratam, na perfeição, o ambiente violento,

desesperado, mas ao mesmo tempo nostálgico, que vai caracterizar a obra. A secção central, com as oitavas descendentes em semicolcheias e *staccato* na mão esquerda, é a caracterização perfeita de uma cavalgada heróica.

## Sergei Rachmaninoff

ONEG, 1 DE ABRIL DE 1873

BEVERLY HILLS, 28 DE MARÇO DE 1943

### 10 Prelúdios, op. 23

Sergei Rachmaninoff foi um dos últimos grandes *virtuosos* do piano. Antes de alcançar notoriedade como compositor era já uma celebridade no universo pianístico, com uma carreira notável. Talvez por isso a sua obra para piano seja a mais conhecida e divulgada, muito embora o compositor russo seja autor de uma vasta produção musical que inclui três sinfonias, outras tantas óperas, poemas sinfónicos, bem como música vocal e de câmara.

Tal como Fryderyk Chopin, também Rachmaninoff escreveu um conjunto de 24 prelúdios em todas as tonalidades maiores e menores. Mas, ao contrário do seu antecessor, fê-lo em duas séries: uma primeira (10 Prelúdios, op. 23) escrita entre 1901 e 1903; e uma segunda (13 Prelúdios, op. 32) datada de 1910. O vigésimo quarto prelúdio, em Dó sustenido menor, é o n.º 2 dos *5 Morceaux de fantasia*, op. 3, e foi, na realidade, o primeiro a ser composto, em 1892.

A série de 10 Prelúdios op. 23, a interpretar neste recital, surgiu na mesma altura em que Rachmaninoff estava imerso na criação da sua primeira grande obra para piano solo: as *Variações sobre um tema de Chopin*, op. 22. O tema que serviu de base às variações foi o Prelúdio n.º 20, em Dó menor, do compositor polaco, de

modo que é bastante provável que Rachmaninoff se tenha sentido impelido a emular o seu antecessor. Num recital dado em Moscovo, a 10 de Fevereiro de 1903, o próprio compositor estreia as Variações op. 22 e três dos 10 Prelúdios op. 23 (n.ºs 1, 2 e 5).

Sergei Rachmaninoff deixa transparecer de forma bastante evidente, nestes 10 Prelúdios, as principais características da sua escrita para piano: o lirismo melódico e o virtuosismo. O próprio compositor chegou a escrever que “a criação melódica deveria ser o verdadeiro objectivo de todo o compositor”. E, de facto, nesse conjunto de pequenas peças sobressai uma qualidade lírica refinada e sensível e uma extrema virtuosidade que advém da escola pianística de Liszt, por intermédio de Alexander Siloti, seu professor no Conservatório de Moscovo, que havia sido discípulo em Weimar do *virtuose* húngaro. Para o pianista Vladimir Ashkenazy, estes prelúdios contêm “uma intensidade russa inconfundível, fortes melodias líricas e mudanças de carácter que vão da sublime doçura ao virtuosismo apaixonado”.

No Prelúdio n.º 1 (Fá sustenido menor, *Largo*), uma melancólica melodia é acompanhada por uma espécie de ostinato na mão esquerda. O Prelúdio n.º 2 (Si bemol maior, *Maestoso*) é uma potente demonstração de virtuosismo pianístico, com uma torrente de arpejos brilhantes e propulsivos a varrerem o registo grave do teclado e a suportarem uma mão direita plena de bravura que alterna oitavas, terceiras e acordes. Apesar de o Prelúdio n.º 3 (Ré menor) ter como indicação de andamento *Tempo di minuetto*, há uma austeridade e um rigor métrico que faz lembrar mais um desfile militar do que uma dança de salão. Os Prelúdios n.ºs 4 (Ré maior, *Andante cantabile*) e 6 (Mi bemol maior, *Andante*) são dois exemplos inequívocos do lirismo melódico de Sergei Rachmaninoff. Duas

belíssimas linhas melódicas são sustentadas harmonicamente por arpejos longos e contínuos (no n.º 4) e por uma torrente de semicolcheias (no n.º 6), que se vão tornando cada vez mais intensas até culminarem em dois clímax protagonizados por sequências de acordes no registo agudo do piano. O Prelúdio n.º 5 (Sol menor, *Alla marcia*) talvez seja, juntamente com o op. 3 n.º 2, o prelúdio mais conhecido do compositor russo. A primeira parte é dominada por um ritmo característico que remete para a polonaise chopiniana e que contrasta totalmente com o exotismo da melodia que preenche a secção central. Nos três prelúdios seguintes — n.º 7 (Dó menor, *Allegro*), n.º 8 (Lá bemol maior, *Allegro vivace*) e n.º 9 (Mi bemol menor, *Presto*) —, Rachmaninoff volta a demonstrar toda a sua escrita virtuosística. A série ininterrupta de semicolcheias que transitam entre as duas mãos do pianista, no sétimo prelúdio, fazem lembrar uma avalanche de ondas que se abate sobre um imenso areal. Outra catadupa de semicolcheias invade o oitavo prelúdio, criando um ambiente misterioso e etéreo. O nono prelúdio faz lembrar o estudo de Chopin op. 25 n.º 6, também conhecido como “Estudo das terceiras”. Aqui, porém, a mão direita é toda escrita com diferentes acordes de duas notas que percorrem o teclado em movimentos ondulantes. Rachmaninoff encerra a série op. 23 de forma idílica. O Prelúdio n.º 10 (Sol bemol maior, *Largo*) remete novamente para Chopin, mais concretamente para o ambiente introspectivo e lírico dos seus nocturnos.

ANA MARIA LIBERAL, 2021

## Grigory Sokolov piano

A natureza única e irrepetível da música construída no momento é essencial para entender a beleza e a honestidade da arte de Sokolov. As suas interpretações são poéticas e singulares, resultado do profundo conhecimento das obras. Os recitais percorrem um repertório vasto desde transcrições da polifonia medieval, passando por obras para teclado de Byrd, Couperin, Rameau e Froberger, até à música de Bach, Beethoven, Schubert, Schumann, Chopin, Brahms e a compositores do século XX como Prokofieff, Ravel, Scriabin, Rachmaninoff, Schoenberg e Stravinski. É reconhecido entre os amantes do piano como um dos maiores pianistas da actualidade, um artista universalmente admirado pela sua visão, espontaneidade fascinante e entrega total à música.

Grigory Sokolov nasceu a 18 de Abril de 1950, em São Petersburgo (Leninegrado). Começou a estudar piano aos cinco anos e, dois anos depois, iniciou os estudos com Liya Zelikhman no conservatório local. Teve aulas com Moisey Khalfin no Conservatório de Leninegrado e em 1962 deu o seu primeiro recital. O seu prodigioso talento foi reconhecido aos 16 anos, quando se tornou o mais jovem músico de sempre a receber a Medalha de Ouro no Concurso Tchaikovski de Moscovo. De seguida, Emil Gilels, o presidente do concurso, começou a apoiar a sua carreira.

Sokolov apresentou-se como concertista ao lado das orquestras mais prestigiadas do mundo como a Filarmónica de Nova Iorque, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Filarmónica de Londres, a Sinfónica da Rádio da Bavária e a Filarmónica de Munique, antes de passar a dedicar-se exclusivamente aos recitais a solo. Faz cerca de 70 recitais por temporada, mergulhando por inteiro num

programa único que apresenta em grandes digressões europeias.

Ao contrário de muitos pianistas, Sokolov interessa-se verdadeiramente pelo mecanismo dos instrumentos em que toca. A parceria entre artista e instrumento é essencial para a construção das suas ideias musicais. Os críticos apontam frequentemente a sua capacidade de articular vozes individuais em complexas texturas polifónicas e de lançar linhas melódicas com perfeita continuidade.

Sokolov assinou um contrato de exclusividade com a Deutsche Grammophon, que lançou o primeiro álbum desta parceria em Janeiro de 2015 — um recital memorável gravado ao vivo no Festival de Salzburgo de 2008. O disco duplo reflecte a amplitude e a profundidade do seu repertório, compreendendo duas sonatas de Mozart, os 24 Prelúdios op. 28 de Chopin e encores de J. S. Bach, Chopin, Rameau e Scriabin. Em 2016, seguiu-se um disco com obras de Schubert e Beethoven; e em 2017 um álbum com Concertos de Mozart e de Rachmaninoff. O mais recente lançamento, em 2020, inclui música de Beethoven, Brahms e Mozart.

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

